



O MUNDO DO TRABALHO VISTO NO CINEMA: BUSCA POR SIGNIFICADOS NO DOCUMENTÁRIO *PEÕES*

LABOR THROUGH THE CINEMATIC IMAGE: THE SEARCH FOR MEANINGS VIA A DOCUMENTARY FILM CALLED *PEÕES*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v6i2.116>

Cristiano Estanislau

Mestrado em Administração - Universidade Metodista de São Paulo
cristiano.estanislau@metodista.br

Dagmar S. P. de Castro

Mestrado em Administração - Universidade Metodista de São Paulo
dagmar.castro@metodista.br

Almir Martins Vieira

Mestrado em Administração - Universidade Metodista de São Paulo
almir.vieira@gmail.com

Sibelly Resch

Mestrado em Administração - Universidade Metodista de São Paulo
sibelly.resch@metodista.br

Resumo

No mundo do trabalho brasileiro, as transformações do capital mundial tiveram seu impacto nos anos 1990, abalando regiões produtivas inteiras, incluindo a Região do Grande ABC, com o desemprego estrutural e com a reestruturação produtiva. A proposta artigo sobre estas transformações utilizando o recurso estético da arte, especificamente o cinema. A produção cinematográfica escolhida para análise foi o documentário *Peões*, produzido em 2002. A intenção da análise é de ir além do raciocínio lógico, envolvendo os sentidos como possibilidade de compreender também a vivência organizacional, envolvendo a experiência perceptiva desenvolvida por trabalhadores que narram suas origens e participações no movimento operário, além dos desfechos de suas vidas na primeira década do século XXI, fazendo uma construção de si pela fala.

Palavras-chave: Trabalho. Subjetividade. Cinema.

Abstract

The changes in the capital took place in the 1990s with the structural unemployment, and later with the restructured productivity. This article discusses the transformations in the workforce via the aesthetic art source (cinema), involving the experience developed by the workman who narrate the origins of their involvement in the workers movement, in addition to the uncovering/revelation of their lives in the 21st Century. As a result, the film was therefore taken to be the proximity between art and science, in order to allow the comprehension of the capitalistic division within the workforce.

Keywords: Labor. Subjectivity. Cinema.

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, com o surgimento da indústria no país, despontou também o nascimento da classe operária na região do Grande ABC. A presença marcante dos imigrantes nas atividades manufatureiras fomentou também um clima favorável à expansão de um sindicalismo no ABC mediante as imposições advindas do modo capitalista de acumulação (CONCEIÇÃO, 2008). Desde a década de 1970, o padrão sistêmico de riqueza passou a ser a “financeirização”, que logo provocou desequilíbrios e instabilidades nos países em desenvolvimento, com seus ataques especulativos. A partir da década de 1990, a economia brasileira foi estremecida pelas políticas macroeconômicas neoliberais (quebra de monopólios, abertura comercial e financeira, a desregulação e o fim dos subsídios e incentivos fiscais). Seus efeitos negativos puderam ser vistos nas regiões de maior grau de industrialização do país, como é o caso da região do Grande ABC (CAIADO; RIBEIRO; AMORIM, 2004).

Outro fator de grande importância neste período foi o da reestruturação produtiva, baseada em novas formas de organização e gestão do modelo toyotista de produção e na expansão dos investimentos em novas tecnologias, levando as empresas a altos níveis de flexibilidade e acúmulo de capital (KREMER; FARIA, 2005). Os resultados das ações das políticas governamentais da década de 1990 mostram que esse período foi dramático para a indústria e o emprego na região do Grande ABC. Segundo Conceição (2008), a combinação da introdução do novo modelo de produção, com novos métodos de organização da produção e do trabalho (poupador de mão de obra e símbolo da empresa eficiente, enxuta), e das políticas governamentais implantadas na década de 1990, afetaram o cenário industrial e a evolução do nível do emprego no Grande ABC.

Em meio a este contexto, em 2002, o cineasta brasileiro Eduardo Granja Coutinho, autor de famosos filmes/documentários como *Cabra Marcado para Morrer*, *Santa Marta*, *Duas Semanas no Morro*, *Boca de Lixo*, *Santo Forte*, *Babilônia 2000*, *Edifício Master*, e o também cineasta João Moreira Salles dedicavam uma atenção especial sobre o filme que fariam juntos sobre a eleição presidencial (LINS, 2004). A ideia principal era de fazer um documentário sobre a campanha política de cada um dos presidentes (Luiz Inácio Lula da Silva e José Serra). Entretanto, decidiram que um iria acompanhar Lula na campanha (nesse caso, Salles) e o outro (Coutinho) se voltaria a filmar os operários anônimos da indústria metalúrgica da região do Grande ABC, que acompanharam Lula nas grandes greves de 1979-1980 (LINS, 2004).

O documentário de longa-metragem de Coutinho, denominado *Peões*, conta a história pessoal de 21 operários metalúrgicos que viveram intensamente as transformações do mundo do trabalho nas décadas de 1970-1980-1990. O longa não trata de dirigentes sindicais, políticos profissionais, mas sim de operários que narram suas origens, suas participações no movimento e os desfechos de suas vidas (COUTINHO, s.d.; WERNECK, s.d.). Assim, *Peões* é um documentário sobre as transformações do mundo do trabalho, especificamente as que ocorreram na região do Grande ABC, mas que retratam, de modo geral, as metamorfoses que excluíram direitos e precarizaram o trabalho nas últimas três décadas do século XX.

No entanto, conforme destaca Lins (2004), nas décadas de 1980 e 1990, o operário desaparece das telas. Dois motivos podem ser registrados para tal fato. O primeiro, com o crescimento do “documentário”, outros temas ligados à exclusão social, como manifestações

religiosas e culturais vinculadas às minorias, foram tomando parte das produções, enquanto temas sociais e políticos foram sendo abandonados. O segundo motivo se deve pela condição operária que, devido aos embates com as políticas neoliberais, nova forma de produção flexível, precarização do trabalho, desregulamentação de leis e direitos, reestruturação produtiva e um sindicalismo menos aguerrido, tiveram sua imagem apagada gradualmente do imaginário político e cultural. Neste período, somente o documentário *Volta Redonda, Memorial da Greve* (1989) de Coutinho representou a classe (LINS, 2004). Em 2002, com *Peões*, Coutinho teve como objetivo voltar-se para um universo em que as fronteiras entre o público (atividade sindical, prática política) e o privado (vida cotidiana) ainda existem, mesmo de forma residual (LINS, 2004).

Desta forma, *Peões* é para este artigo o corpus de análise que fundamenta empiricamente a sustentação teórica da proposição de que a divisão do trabalho capitalista vem transformando o mundo do trabalho e atingindo a “classe-que-vive-do-trabalho”, fato que se explicita objetivamente na fragmentação da relação intersubjetiva com o outro, os objetos e o mundo. No entanto, é importante destacar que o termo “classe-que-vive-do-trabalho” apontado por Antunes (2003), engloba termos como trabalhador, operário, peão e terceirizado. Esta definição feita por Antunes (2003, p.103) considera “todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital”. De acordo com esta concepção, o termo incorpora também o subproletariado moderno, o part-time, os trabalhadores assalariados da chamada “economia informal”, que indiretamente são submissos ao capital, e os trabalhadores desempregados, outrora expulsos do mercado pela reestruturação produtiva do capital, que formam hoje o grande exército industrial de reserva (ANTUNES, 2003).

Sendo assim, a proposta do trabalho é apontar ao docente e pesquisador uma aproximação da arte no ensino e na ciência, elucidando o poder que as imagens têm de provocar reflexões e permitir a identificação, conscientização e internalização de conceitos por meio de um documentário (*Peões*) como quadro referencial e alternativo que possa contribuir com a produção de uma massa crítica para as ciências sociais aplicadas, em especial para a Administração, ao compreender as transformações do mundo do trabalho nas décadas de 1970, 1980 e 1990.

Para consecução deste estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, por meio da análise fenomenológica das narrativas, enquanto estudo sistemático, com objetivo de desvelar a forma pela qual os discursos assumem significado. Houve atenção especial aos elementos discursivos presentes nas narrativas dos sujeitos do documentário, em busca de significados associados, bem como sua construção social. Assume-se que tal procedimento permitirá desvendar elementos próprios da ação organizacional em relação aos indivíduos, não somente na perspectiva da prática discursiva, mas também da prática social. Por isso, optou-se pela escolha do método fenomenológico para análise das narrativas, pois é “uma metodologia que entra em ação em toda parte onde o objeto e sentido, questões de ser, de possibilidades, de origem e de legitimação se devem abordar com seriedade” (HUSSERL, 1992, p.28). Para Husserl a percepção é o solo do conhecimento fenomenal (ARANHA, 1997), ponto de vista também assumido por Merleau-Ponty. Este autor, por sua vez, tenta dar continuidade ao trabalho iniciado por Husserl, ou seja, explorar o mundo-vida como ele é vivido. Para isso, o autor constrói uma nova forma de compreender o corpo-existência no intuito de evitar as exacerbações do comportamentismo e do psiquismo vitalista (MERLEAU-

PONTY, 1999). Para o autor, o comportamento humano não provém de reações cegas a estímulos e nem de projeções de atos motivados. Não é excepcionalmente subjetivo nem objetivo, mas é a compreensão de um inter-relacionamento dialético entre o homem e o mundo, que não pode ser demonstrado em termos causais clássicos (MARTINS; MACHADO, 1997).

Para Martins e Machado (1997) o método fenomenológico de Merleau-Ponty abre um grande caminho para a análise disciplinada da compreensão do corpo vivido no mundo-vida. No entanto, o nome técnico usual para o método fenomenológico de Merleau-Ponty é “descrição fenomenológica”, que consiste em três momentos:

Primeiro momento: “a primazia da percepção” - neste momento a percepção assume a primazia do processo reflexivo. Ou seja, o mundo percebido sempre será o fundamento, o suposto, de toda racionalidade, valores e existência (MARTINS; MACHADO, 1997). O primeiro momento parte da aproximação entre ciência e arte, a aproximação do filme a partir do que se fala a respeito dele e como o fenômeno se apresenta diante do olhar dos autores, da ciência e dos sujeitos.

Segundo momento: “a redução fenomenológica”, conforme três níveis de análise (MARTINS; MACHADO, 1997). O primeiro nível está baseado na ideia original da *epoché*, segundo a qual o pesquisador tem que suspender as proposições advindas da construção teórica. Já o segundo nível refere-se à localização do temático nos dados da descrição. No terceiro nível “o pesquisador tenta localizar as fontes pré-reflexivas do tema, derivadas da descrição, indicando o que a experiência consciente era antes da reflexão e do julgamento sobre ela” (MARTINS; MACHADO, 1997, p. 27). Neste segundo momento, foram realizadas as transcrições das narrativas que mais se destacaram no documentário. As narrativas foram lidas a partir da intencionalidade dos pesquisadores em compreender as transformações do mundo do trabalho entre as décadas de 1970 e 1990. Em seguida, as narrativas foram identificadas como unidades de significado, que guiaram a construção das categorias analíticas.

Terceiro momento: “a interpretação fenomenológica”, quando se realiza a interpretação fenomenológica da descrição, como forma de legitimação comunicativa (MARTINS; MACHADO, 1997). Para este último momento, serão apresentadas considerações finais, como a síntese de um pensar, não no sentido de conclusão do trabalho, mas na perspectiva de alargamento da consciência sobre as transformações no mundo do trabalho na região do Grande ABC e seu impacto na vida da “classe-que-vive-do-trabalho”.

Ciência e arte: cenário para a subjetividade

Na história do pensamento moderno, pode-se observar que uma de suas características fundantes tem sido a demarcação de narrativas radicalmente distintas entre filosofia, ciências naturais, ciências sociais e artes. Essa característica foi tomando corpo a partir da instauração do experimentalismo que, com sua indução quantitativa e objetividade, proclamou a “maioridade do pensamento científico” (IANNI, 2004). Tal panorama, no âmbito dos estudos organizacionais, segundo Hassard (1990), trouxe à tona a necessidade de discussão a respeito do problema do entendimento, assumindo que o todo social é constituído pelas linguagens que compartilhamos, externadas pelas particulares formas de discurso que criamos. Ainda que não se abandone a dimensão objetiva no tocante às formas de análise organizacional, é

salutar assumir que o aspecto subjetivo entra em cena para explicar o comportamento organizacional, por meio da percepção do sujeito (BONAZZI, 2000).

Segundo Ianni (2004), muitos autores (Maquiavel, Marx, Hegel, Rosseau, Weber, dentre outros) indicaram o contraponto entre ciência e arte como uma resposta à crise de inquietações e controvérsias do pensamento pautado na especialização. Ao se buscar uma aproximação entre arte e ciência, é possível reconhecer que as criações científicas, filosóficas e artísticas se traduzem, de certa maneira, em narrativas. A análise das convergências e divergências das narrativas pode resultar em uma categorização que, de certa forma, viabilize a compreensão da realidade social que se apresenta, pois será fruto de uma interpretação potencializada por experiências sociais vivenciadas.

Para Davel, Vergara e Ghadiri (2007), ao se refletir sobre aprendizagem e pesquisa em Administração, verifica-se que o conhecimento e a experiência organizacional podem ser compreendidos também pelas narrativas literárias ou por outras formas artísticas. Uma dessas outras formas é a utilização dos recursos estéticos da arte, como o cinema, que nos propicia ir além do raciocínio lógico, envolvendo o sentimento e a experiência perceptiva desenvolvida pelos sentidos. O uso dos recursos estéticos na aprendizagem e na pesquisa envolve uma gama de experiências complexas que misturam “odor, imagens, sensações táteis, mobilidade no espaço, consciência de tempos e ritmos, sentimentos de prazer, de frustração, de aversão e de medo” (DAVEL; VERGARA; GHADIRI, 2007, p. 14).

De acordo com Davel, Vergara e Ghadiri (2007) a arte, como fonte de inspiração, tem o poder de abalar crenças e convicções anteriores, estimulando-nos a sair do nosso status quo, de nossa caverna de conhecimento limitado, especializado, para experimentar novas ideias, possibilidades e horizontes. A arte inspira, provoca, choca, desconcentra, faz-nos experimentar sentimentos que antes estavam adormecidos no inconsciente. Ao experimentar a arte, ela nos torna mais flexíveis, humanos, sensíveis a escutar mais, ver mais sobre o que acontece no mundo das organizações e da gestão (DAVEL; VERGARA; GHADIRI, 2007). A arte, como fonte de conhecimento, é muito mais que uma embalagem de teorias, um modelo de estudo de caso, ela é a própria ilustração prática do real, a encenação verdadeira da vida, um espelho que não quer nos levar à memorização de regras, passos ou conceitos, mas sim de nos fazer aprender e conhecer (DAVEL; VERGARA; GHADIRI, 2007).

A arte, enquanto fonte de metáforas, é rica e interminável em interpretação. Segundo Wood Jr. (2000), de uma simples figura de linguagem, a metáfora passou a ser um dos sistemas simbólicos mais usados nos últimos anos como recurso para análise organizacional e ferramenta para consultorias. Seja por meio de uma produção cinematográfica ou de um quadro de leitura de situações organizacionais ou experiências gerenciais, a arte como metáfora nos possibilita construir uma diversidade de formas de interpretar (DAVEL; VERGARA; GHADIRI, 2007). Ao discorrer sobre o simbolismo organizacional, Wood Jr. (1999) relata que a metáfora do cinema é uma nova versão “dramatúrgica” da metáfora do teatro, utilizada para compreender (parte) do fenômeno organizacional, em sua realidade cotidiana.

Para Wood Jr. (1999, p. 145), as “obras de ficção podem prover elementos não racionais, não lógicos, normalmente ausentes nas metodologias mais tradicionais”, e ainda trazer os fenômenos organizacionais para mais perto da realidade (WOOD JR., 2008). O autor ainda aponta que a forma mais ampla de contrapor as tendências negativas de práticas gerenciais como o individualismo e a obsessão do atendimento de interesse pessoal seria o de propor

um modelo de educação artística. Segundo o autor, o conhecimento científico da gestão está direcionado somente para responder questões de “como fazer as coisas”, sendo que, se tivesse a inclusão do uso de ficção narrativa, o enfoque das questões estaria mais voltado ao “por que fazer” e “que consequências as ações realizadas geram”. Por meio da ficção narrativa e de outros recursos estéticos da arte, o estudante e o pesquisador podem compreender a utilidade do valor moral, a levar em consideração as consequências do comportamento organizacional, a tratar a complexidade da vida profissional e, acima de tudo, a analisar as realidades absorvidas pelas visões hegemônicas (WOOD JR., 2008).

Ainda que Suarez e Tomei (2007) ressaltem que a utilização do cinema como objeto de estudo seja um campo pouco explorado, especialmente na área de Administração, assume-se que a investigação de uma produção cinematográfica pode servir como terreno fértil para o debate a respeito do cotidiano de trabalho e das organizações, especialmente no caso de um filme brasileiro. Filmes, músicas e livros podem estimular a reflexão sobre a natureza e a experiência humana, uma vez que relatam aspectos culturais vigentes. Então, como sugere Wood Jr. (2008), por que não ampliar sua utilização nos estudos organizacionais?

Mundo do trabalho e subjetividade

O significado da palavra trabalho e o seu sentido adquiriram, durante os séculos, vários traços conforme o tempo e a cultura, e apesar desta distinção, pode-se supor que todos eles apontam para um só sentido: a ação dos homens, física ou intelectual, para alcançar um determinado fim. As transformações no mundo do trabalho têm como seu ponto de partida as passagens da cultura da caça e da pesca para a cultura agrária, fundamentada na criação de animais e no plantio, da cultura agrária para a manufatureira, e dessa última para a industrial (ALBORNOZ, 1988). Com o advento da Revolução Industrial, o capitalismo ganhou massa, corpo, assumindo uma forma jamais vista em outras passagens, ao se alimentar de um ritmo acelerado de produção, consumo e acumulação. Esta nova era, baseada na mecanização e numa nova divisão do trabalho, impôs ao trabalhador o princípio da fragmentação: quanto mais o ofício é dividido, mais o controle é instituído, mais fragmentada se torna a capacidade do trabalhador, mais a tarefa é simplificada em movimentos rotineiros, mais a produção tende a crescer pela intensificação do trabalho. Menor é o custo da força de trabalho, menor é o custo da produção, maior é o acúmulo de capital pelo empregador e maior é também a alienação do trabalhador. Ao comprar (ou “alugar”) a força de trabalho que foi convertida em mercadoria, o empregador passa a organizá-la não mais de acordo com as necessidades e desejos dos que a vendem (o trabalhador), mas passa a empreendê-la de tal modo que amplie o valor de seu capital. Assim, torna interessante para o dono do capital cada vez mais baratear a mercadoria que compra daqueles que a vendem. E o modo mais simples de baratear a força de trabalho no geral é dividindo, fragmentando a mesma em seus elementos mais simples (BRAVERMAN, 1980).

Tem-se, portanto, um panorama objetivo a respeito da trajetória percorrida pelo trabalho. Entretanto, há que se discorrer também a respeito de seu caráter subjetivo, principalmente em decorrência da crise estrutural pela qual tem passado o capitalismo a partir dos anos de 1970. A globalização e os conceitos neoliberais diluíram os direitos e as conquistas da chamada classe trabalhadora. O desenvolvimento tecnológico e o fracasso do Estado no controle da economia afetaram o cenário organizacional em escala mundial. Antunes (2003) afirma que as grandes transformações no mundo do trabalho tornaram a classe trabalhadora cada vez mais fragmentada, heterogênea e complexa.

O homem, enquanto ser social, envolve-se na esfera organizacional por meio da reprodução e da produção de sua própria existência. Acaba por assumir um papel duplo: sujeito que faz escolhas e, ao mesmo tempo, sujeito a fazer algo ou a vontade de alguém (WILLMOTT, 1994). O trabalho e seu cotidiano tornam o homem um ser social. Vale então a preocupação a respeito da forma pela qual o homem é historicamente formado enquanto sujeito, e o resultado desse processo no tocante à relação com poder e conhecimento, enfim, com a própria sociedade (EZZY, 1997). Segundo afirmação de Lukes (1973), tanto poder quanto conhecimento - enquanto regimes - delineiam a subjetividade. Tal proposição ganha força na perspectiva foucaultiana de não separar poder e conhecimento, pois, enquanto discursos e, portanto, embora nunca neutros, ambos erigem subjetividade (FOUCAULT, 2008). Ao assumir determinadas práticas organizacionais (ou até mesmo rejeitá-las), o homem passa a ser um produto de tais práticas.

Autores como Covalleski (1998), Knights e McCabe (1999) e Townley (1993) destacam a questão da subjetividade no nível intra-organizacional, como meio para analisar discursos organizacionais nos mais variados temas, como gestão de pessoas, políticas de marketing e gestão da qualidade. Segundo os autores, essa perspectiva é comum inclusive nos meios acadêmicos, pois revela a constituição do sujeito enquanto participante da organização. Ao debater o trabalho com base na formulação marxista, Antunes (2005) o caracteriza como o início do processo de humanização do ser social. Porém, no capitalismo, em vez do trabalho constituir a finalidade do ser social, ele é degradado, transformando a força de trabalho em uma mercadoria que produz outra mercadoria. Em vez de realização, o trabalho passa a ser a única possibilidade de subsistência daquele que não tem posses. Assim, o trabalho se torna estranho ao trabalhador, que se vê privado daquilo que pode tornar-lhe mais humano.

Para o trabalhador, o trabalho acaba por perder seu encanto, pois ao entrar no processo produtivo, ele deixa de lado sua personalidade, por conta de desejos estranhos e indiferentes que não são seus, mas sim do capital (GORZ, 2003). Eis o perigo em relação à constituição da natureza humana, conforme aponta Castells (2006), ao destacar que o trabalho, sob tal ponto de vista, não se fundamenta na transformação do indivíduo, mas apenas na sua “individualização” enquanto componente do processo em que se envolve. Parece pertinente investigar as representações atribuídas ao trabalho, a partir da análise de narrativas feitas por trabalhadores da região do Grande ABC, tomando por base o material disponível em uma produção cinematográfica, em forma de documentário. Ainda que os depoimentos possam se materializar em diversas expressões e posições simbólicas, acredita-se que seja possível identificar um sentido comum para o trabalho, expresso por uma subjetividade construída por meio de registros do social (GUATTARI; ROLNICK, 2005).

Sentidos do trabalho a partir das narrativas

A seguir, destacam-se as categorias analíticas que emergiram da análise temática. Nesse sentido, cada narrativa tem uma dupla significação. Primeiro, “envolve uma série de movimentos do corpo penetrando profundamente na vida psicológica” (BOSI, 1994, p.471), de forma que indivíduo e cotidiano acabam se confundindo (se enlaçando, sendo permeado um pelo outro), e segundo, “simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais” (BOSI, 1994, p.472). O trabalho e o emprego, dentro das narrativas, não representam somente a fonte salarial, subsistência desses atores, mas um “lugar na hierarquia de uma sociedade feita

de classes e de grupos de status”, que marca e ecoa em cada fala e instante, o “tempo subjetivo do entrevistado e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista” (BOSI, 1994, p.471).

1) Categoria: Temporalidade

O objetivo desta categoria não está em fazer uma análise do ser na sua pura forma, o ser puro, o ser absoluto, o ser em si, mas o ser-no-mundo fenomenológico. Por isso, optou-se pela categoria temporalidade baseado no pensamento de Merleau-Ponty para a compreensão das narrativas. Para Merleau-Ponty (1999, p.550) “analisar o tempo não é tirar as conseqüências de uma concepção preestabelecida da subjetividade, é ter acesso através do tempo, à sua estrutura concreta”. Eis alguns excertos das falas:

“Vocês vão ouvir bastante gente que participou das greve de 1980. Todas as greves que teve. Greve interna, greve externa”. “Olha é conscientemente sabendo o que eu tava fazendo foi em 79, 1979. É naquela greve de 1979 eu tinha apenas dois meses na Polimatic”. “79. Eu participei da greve de 79 é sim como expectadora porque meu irmão era metalúrgico, se entendeu? E eu já sentia aquele sabe, aquele, aquele calorzinho de ver o pessoal sabe”.

Na análise das narrativas, pode-se perceber que os acontecimentos são recortados, por observadores finitos, na totalidade espaço-temporal do mundo objetivo. Para eles o tempo nasce de suas relações com as coisas na intersecção de suas experiências com as do outro (MERLEAU-PONTY, 1999). O espaço-temporal que une os sujeitos é a região do Grande ABC no período das greves de 1979 e 1980, na experiência da luta por condições melhores de trabalho. É nesse espaço-temporal comum a todos os sujeitos das narrativas é que o tempo como objeto concreto vai se construindo.

Para Merleau-Ponty (1999, p.557), quando o sujeito evoca seu passado distante, ele reabre o tempo, se recoloca “em um momento que ele ainda comportava um horizonte de porvir hoje fechado, um horizonte de passado próximo, hoje distante”. Para o sujeito, tudo lhe “reenvia ao campo de presença como a experiência originária em que o tempo e suas dimensões aparecem em pessoa, sem distância interposta e em uma evidência última” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.557). Ao reabrir o tempo, o sujeito desliza entre o presente e o passado em busca do porvir que um dia foi lhe dado como uma opção de ruptura do seu status quo. Ao retomar o tempo com suas narrativas de espaço-temporal, o sujeito encontra na certeza de sua existência neste mundo a correlação entre consciência e mundo (MERLEAU-PONTY, 1999; KLUTH, 2000).

2) Categorias: Luta pela Cidadania – Os Donos do Poder - Consciência Política

Optou-se aqui em fazer uma síntese entre as categorias luta pela cidadania, os donos do poder e consciência política porque, na compreensão das narrativas, esses temas sempre se apresentam na experiência dos trabalhadores. Sua relação pode ser constatada nas seguintes expressões:

“Na época, toda a vida eu lutando do lado do trabalhador. Sinceramente eu sou esquerda (risos) e Ave Maria”. “Tudo o que você imagina. Tudo o que você quiser imaginar eu participei. Ah! Cheguei apanhar muito né! (...)Ah! Quase todas as portaria de fábrica. Que eu era aquele militante, que eu ia pra as portarias de fábrica. Tomava a portaria. Não deixava entrar. Eu e mais o Jair, o Guiba, o Djalma Bom, apanhamos muitas vezes na portaria da Volkswagen”.

Para Bosi (1994, p.453), a lembrança dos fatos sociais do passado e sua re-leitura com os olhos do presente demonstram um teor ideológico muitas vezes visível, pois o sujeito traz à tona sua memória política na luta pela cidadania, não se contentando somente em narrar os fatos como uma testemunha histórica neutra. Ele deseja também julgar e deixar claro a posição que ocupava naquele momento da história.

Para se compreender a re-leitura dos acontecimentos políticos, das lutas do passado e o ponto de vista expresso nas narrativas dos sujeitos do documentário, faz-se necessário levar em conta a localização de classes e a profissão. O mundo dos “personagens” é o mundo da produção material, do metalúrgico, do operário que se vê no limiar entre a sua inserção na sociedade e sua marginalidade política (BOSI, 1994). Na história brasileira, até aquele momento (décadas de 1970 e 1980), o trabalhador fabril se via marcado pela marginalidade política, que muitas vezes lhe foi imposta pelos donos do poder (capital), em troca de sua própria subsistência. Apresentam-se mais falas:

“Quando eu conheci o sindicato, que eu comecei a ler que, que a gente só melhorava se lutasse né. E ler as histórias de outros países, né, aí eu falei é por aqui mesmo”. “Então o senhor, o senhor sendo orientado, o senhor tem força. Porque nós somos, nós somos uma máquina, nós somos uma máquina, como se digamos”. “Desde os 14 anos eu tô no movimento estudantil. No movimento estudantil, movimento de igreja, movimento operário. Na militância política desde os 14 anos. 80 fiquei na clandestinidade na fábrica, 81 teve a greve. De lá pra cá eu fui eleito por 3 mandatos”.

Quando a consciência política é alcançada, o que fica em evidência nas narrativas é o modo pelo qual o sujeito realiza uma “estilização”, combinando sua re-leitura dos acontecimentos políticos do passado a situações do presente, por meio da crítica da própria ideologia (BOSI, 1994). Merecem destaque outras expressões:

“Porque o que vale é a equipe. Não é o Lula em si. É a equipe agora que tem que... eu sei governar agora eu faço real... pois eu não tou vendo! ”. “Partido dos Trabalhador... agora se não gerar nada pra nós. Aí o bicho! Aí o bicho pega! ”. “Aquele PT que, que, que eu ajudei a fundar no fundinho de quintal. Hoje eu tô vendo, eu vou te falar, eu gosto, go, deixar bem claro, eu gosto do Lula, tem muitos anos que não vejo o Lula (...) Mas eu vou dar a minha opinião, eu acho que o Lula está chegando à presidência. Não o PT”.

A luta pela cidadania contra os donos do poder, que almejam a fragmentação do sujeito através de sua marginalidade, elevou o nível de consciência política do narrador, mas não o libertou da modelagem que foi submetendo homens e acontecimentos aos caprichos do capital (BOSI, 1994).

3) Categoria: Gênero

Ao se debruçar sobre as questões que envolvem as transformações no mundo do trabalho, torna-se importante ressaltar os impactos diferenciais sobre o emprego, de acordo com os sexos. Por isso, a categoria gênero foi selecionada no sentido não de se tangenciar por outro tema, mas de ressaltar, por meio das narrativas, que as teorias do exército industrial de reserva e da segmentação do mercado de trabalho devem sempre ser colocadas em questão quando se examinam as transformações no mundo do trabalho e as crises resultantes, como a recessão econômica e o desemprego (HIRATA, 2002). Uma operária relata:

“Na firma não tinha creche. Botei numa escolhinha, ele não se adaptou. Aí eu preferi sair.”

Para Antunes e Alves (2004), uma tendência expressiva no mundo do trabalho atual é o aumento do trabalho feminino no núcleo da classe trabalhadora, chegando a atingir, em alguns países centrais, mais de 40% da força de trabalho. O trabalho feminino tem ocupado principalmente as formas precárias de trabalho e servido como o principal “reservatório” para as novas ocupações maciças (BRAVERMAN, 1980, p.326). Segundo Hirata e Humphrey (1984), ao se levar em consideração a ideia das mulheres como o exército industrial de reserva, deve-se levar em conta também que, em tempos de crise, as mulheres têm muito mais chances de perder o emprego que os homens e, por sua vez, seriam as últimas a serem recontratadas no momento de recuperação da economia. Outros motivos que também fortalecem o argumento das mulheres como o exército industrial de reserva são: os índices altos, supostamente, de rotatividade feminina ocasionada pelas responsabilidades familiares (com os filhos), resultando em “saídas voluntárias” (HIRATA; HUMPHREY, 1984). Eis mais alguns relatos obtidos no documentário:

“Quando a gente se separou ele ficou pagando pensão e a gente vive desta pensão”. “A minha família era uma família muito pobre. Nós tudo era muito pobre. Meu pai era vaqueiro nessa fazenda. Aí eu, eu nós saindo a de Monteiro pra vim pra aqui pra São Bernardo. Eu tinha uma comadre que morava aqui. Ela se, já foi pos além. E na Vila Marchi eu morei muito tempo com eles num barraco. Depois meu marido se, me deixou, porque... eu sempre fui uma mulher muito es... muito espontânea (...) Fiquei com sete filho. Com uns três anos eu conheci o Zito”.

Segundo trabalho feito por Hirata (2002), uma característica comum no mundo do trabalho de países como Brasil, França e Japão é que, nos tempos de crise, os operários de produção que tinham filhos tiveram mais probabilidades de conservar seu emprego do que os que não tinham. Porém, no que diz respeito às mulheres, foi constatado que essa probabilidade não se apresentava. Hirata (2002, p.180) explica que “as mais qualificadas são as mais estáveis do que as não-qualificadas, mas as mães e as que não o são têm quase o mesmo nível de estabilidade”. As transformações na estrutura produtiva do mundo do trabalho podem ser também consideradas como hipóteses para explicar a fragmentação das estruturas familiares. O desemprego e a dificuldade financeira do casal podem ser razões para o fim do relacionamento, gerando assim uma nova estrutura familiar, na qual a mulher exerce o papel de única provedora do lar.

4) Categorias: Rememoração Passado/ Presente - Mundo do Trabalho Hoje

A escolha dessas categorias tem por base o pensamento de Merleau-Ponty (1999), pois os sujeitos, estando num “riacho congelado”, vislumbram a lembrança do passado como uma situação petrificada da esfera pública. Porém, debaixo da fina camada de gelo, as águas que escoam não vão em direção ao porvir, mas sim em direção ao passado. Os sujeitos desejam descongelar as águas do riacho e ir novamente ao porvir, que está do lado da nascente, ou seja, na esfera pública, onde os homens podem agir e falar enquanto homens, enquanto “seres-no-mundo”. Abaixo, mais depoimentos:

“Eu vivi essa greve intensamente. Eu vivi essa greve, primeiro a greve foi que nem um parto, porque você preparou desde junho a gente já tava preparando né. Fazia reunião. Um das minhas frustrações foi que eu não, eu não consegui ficar, ser metalúrgica”. “O segurança me avisou quando eu cheguei na empresa que, e falou a menina da revista. Eu peguei essa revista, eu pedi para ele, eu falei você vai lá pega essa revista, consegue esta revista pra mim, porque eu vou guardar pra quando eu ter meus filho eu mostrar pra eles que a mãe deles ia a luta. Mas como eu não tive filho, não casei, não tive filho, mostro para o meu sobrinho. E peço pra eles não fugir à

luta". "Se deu luta não é de graça".

Segundo Bosi (1994), o trabalho não é só ação, mas também o lugar da ação. Os sujeitos que participaram do movimento operário na região do Grande ABC nas décadas de 1970, 1980 e 1990 tentaram criar, com todas as suas forças, uma esfera pública autônoma. Ou seja, o trabalho de metalúrgico e o envolvimento operário para esses sujeitos representaram certamente a oportunidade para saírem do anonimato e adquirirem uma emancipação, uma admissão na esfera pública, desafiando dois paradigmas: o primeiro, de que os interesses do Estado e da classe política e empresarial do país eram iguais aos interesses da classe trabalhadora; e o segundo, de que o trabalhador não está relacionado com os assuntos políticos e nem com a sociedade (ARENDRT, 2004, p. 224). Consideremos mais alguns relatos:

"E eu achava aquilo tão bonito. Quando alguém tava lutando pra conseguir alguma coisa né". "Quando eu ouvi aquilo, eu ficava pensando: Meu Deus será que um dia eu ainda vou tá neste lugar e participar dessas lutas também?". "Eu não me envergonho de dizer que sou comunista, não, né. Se eu morrer como um comunista era ganhar um troféu. E não adianta eu não vou abrir, eu vou morrer assim".

Segundo Arendt (2004), esta admissão na esfera pública trouxe aos trabalhadores o desenvolvimento de ideias próprias quanto às possibilidades de um governo. Em outras palavras, "a linha divisória entre o econômico e o político não é uma questão de radicalidade das reivindicações econômicas e sociais, mas exclusivamente da proposição de nova forma de governo" (ARENDRT, 2004, p. 228). Eis outras expressões dos personagens:

"Agora sou simplesmente dona de casa ". "Há 21 anos. Mas nunca mais, nunca mais trabalhei em indústria ". "É... eu não, não tem outro jeito né, mas eu não gostava não. E eu não sou um verdadeiro taxista. Eu quebro o galho porque eu não sei trabalhar num, não ganho muito dinheiro porquê, eu, eu, eu, eu sou honesto, eu não gosto de roubar ninguém ". "Aí eu fui tentar, não tinha emprego né. Tentei uma oficina mecânica com que eu recebi". "Trabalhei 19 meses de chacareiro. Fazendo, trabalhando numa chácara com. Arrumei meus, uns trocadinhos e fui pra estrada do Paraguai. Fiquei cinco anos e meio na, na vida da camelagem. Puxando móveis de Foz do Iguaçu pra cá". "Se vê 20 anos se passou, eu fui doméstica, foi coisa, mas eu continuo sendo metalúrgica de coração sabe assim. Eu tenho muita identidade com esse pessoal, da, que é metalúrgico, sabe."

As narrativas revelam também a discrepância presente na admissão da esfera pública pelos sujeitos, entre os riscos de se tornarem completamente cidadãos emancipados e o de retrocederem ao anonimato e isolamento público que, segundo Arendt (2004, p. 224), é uma "atividade na qual o homem não convive com o mundo nem com os outros: está a sós com o seu corpo ante a pura necessidade de manter-se vivo". Ao constatar essas narrativas, pelos sentimentos expressos, pode-se notar um desejo de voltar à esfera pública.

5) Categorias: Subjetividade – Corpo – Arquitetura

A escolha de realizar aqui uma síntese relacionada às categorias subjetividade, corpo e arquitetura permite compreender a divisão do trabalho capitalista que vem transformando o mundo do trabalho na fragmentação da relação intersubjetiva com o outro, os objetos e o mundo. Pelas narrativas, pode-se chegar à síntese de que o trabalhador não exerce mais o controle sobre sua consciência, pois o capital controla sua subjetividade, seu corpo, e a

arquitetura em que ele está inserido. Certos depoimentos ilustram tais assertivas:

“Eu acostumei, e do mesmo tempo não acostumei nunca”. “Porque você viu um... aproveitava da gente. Que a gente um... com medo de perder o emprego”. “Que nem eu cansei de ver. Aí de você se não der serviço, não der conta desse serviço. E a gente pegava e ia fazer o quê?”. “Chegar a largar uma máquina que nem eu cansei de largar uma máquina para não bater na cara do chefe e ir para o banheiro e chorar dentro do banheiro”. “Todo o movimento que tinha. Todo o sofrimento dos metalúrgicos que pareciam uma guerra”. “Era, eu era bravo (...) Não, não ali, ali nós sabe, eu, hoje, hoje, hoje eu acho que por causa da amassada né, por causa da amassada, então eu fiquei muito mais manso. Tá entendendo? Mas naquela época eu brigava a toa, brigava a toa, entendeu, naquela época”. “(...) Então, quando o peão saía por causa disso aí, o peão rodava. Aí chega num, na década de 80 tudo ficou sendo, ‘globou’ tudo peão. Tinha o peão do trecho e peão de fábrica”.

Nas narrativas dos sujeitos, fica evidente a ideia de que, na era do capitalismo da acumulação, o trabalhador não deve exercer o controle sobre sua consciência, mas sim o capital deve controlar sua consciência quanto à conduta no local de trabalho. O trabalhador trava uma constante luta, uma verdadeira guerra entre a mortificação/mutilação do seu “eu”, ao passar pelo processo manipulativo de desempenhar um papel social e de se nivelar, tornando-se cada vez mais homogêneo com o (funcionário) padrão. Nessa guerra representativa, o sujeito incorpora restrições, regras de jogo e espaço de liberdade que a organização lhe impõe para sua sobrevivência (ENRIQUEZ, 2007). Destaca-se mais uma fala:

“O meu filho ficou triste né, porque ele tinha, ele tinha o orgulho de me falar assim pai...quando ele via um caminhão da Mercedes dizia assim: ‘pai... naquele caminhão tem uma peça que o senhor fez’ ”.

Aqui está o simples orgulho de ser aquilo que produz (o homem é aquilo que produz). Na verdade, o que o menino estava apontando não era que o caminhão tinha uma peça que o seu pai havia feito, mas sim que aquele caminhão, ou uma peça que ali estava, ao passar diante dos seus olhos na rua, representava, simbolicamente, seu pai. O orgulho de ver o pai passar na rua. Para o filho, o caminhão era a extensão do corpo do próprio pai. Para o pai, não era o caminhão que passava nas ruas, mas um corpo gasto, dócil, útil em cada peça e engrenagem.

Assim, o cenário e a arquitetura do espaço podem influenciar de forma positiva ou negativa as crenças dos indivíduos em relação ao local e aos indivíduos que nele se encontram (OLIVEIRA; MENDONÇA, 2008). Tal qual defendem Vergara, Carvalho e Gomes (2004), este controle por meio do espaço é de natureza pedagógica, onde os indivíduos são educados a ver somente aquilo que o sistema quer que eles vejam.

6) Categoria: Projetos e Liberdade

A categoria projetos e liberdade foi selecionada porque aponta certa devolução aos homens, de algo que lhes foi privado, roubado, ou seja, o direito de ir além da ordem da sobrevivência, onde os homens livres podem sonhar e fazer planos.

“Porque meu sonho era esse. Era se eu conseguisse me aposentar pra me vir embora para cá, aonde eu nasci, pra onde eu nasci”. “Tinha vontade na época de ser jornalista. Era meu sonho né. Não consegui fazer, porque sempre ganhei muito pouco né”. “E aí no ano passado que eu consegui terminar o curso de pedagogia. “Então a gente faz aquele montão de ‘prano’. Eu fazia o prano de acertar tudo aqui e ir embora pra o interior, comprar um sítio né. Eu fazia o ‘prano’, mas aí veio a

recolha da esposa. Então aí perdeu a, a turma falou: “É, porque você não compra um sítio, aí sabe”. O que, que eu vou fazer num sítio sozinho?”.

De acordo com Arendt (2009), na Antiguidade, o sujeito só poderia libertar-se da necessidade se tivesse o poder sobre outros homens, só poderia ser considerado livre se possuísse um lugar, um lar no mundo. Os sujeitos que narram suas histórias de vida e suas lutas no movimento operário experimentaram, por um determinado tempo, a esfera pública, gozaram da liberdade mundanamente tangível. No entanto, as transformações do mundo do trabalho os trouxeram de volta à margem da sociedade. Escravos das necessidades da vida e da preocupação com sua preservação, os sujeitos passaram a sonhar com a liberdade externalizada em seus projetos de “vida pós-trabalho”. Porém, eles não conseguiram romper as preocupações da segurança protetora de suas quatro paredes. Sua impotente vontade acabou equacionando sua aparição no mundo dos homens livres (ARENDR, 2009).

7) Categoria: Ícone da Luta

Essa é uma categoria que tem como objetivo expor a identificação que os sujeitos em *Peões* tiveram com a figura do líder, do “um” que, em sua singularidade, inscreve o coletivo. Aqui o “eu” (dos sujeitos) é reconhecido no outro, ou seja, no líder que passa a ser a figura de referência. Vejamos alguns relatos sobre esse tema:

“Chamo o Lula o segundo pai porque hoje graças a Deus eu só tenho essa casinha hoje, esse carrinho e e... eu tenho 2 casas em São Bernardo abaixo de Deus”. “Eu gostaria que o Lula ganhasse. Ele é meu conterrâneo, veio de lá do norte passando fome também”. “Lula ensinou isso pra gente oh, nós não somos nada, mandato sindical passa, os trabalhadores é que ficam. Os trabalhadores são mais importantes do que nós”. “A minha relação com o Lula foi muito boa. O Lula pra mim é como se fosse o meu pai, meu irmão, meu tudo (...)”. “O Lula foi um herói, porque, não esqueço até hoje que quando a mãe dele faleceu, ele tava preso, lá no DOP. A ‘gente fomos’ lá. Fomos lá, foi uma turma. Aí liberar ele pra vim ver o corpo da mãe. A mãe no velório lá, olhou o corpo, chorou e já pegaram ele, e trouxe de volta”.

Quando se volta às estruturas históricas herdadas de um passado colonial, observa-se que, nas relações de autoridade, a figura paterna tem persistido em influenciar alguns traços dentro das organizações até os dias atuais (DAVEL; VASCONCELOS, 1997).

Nesse caso, quando os sujeitos (filhos) consideram Lula como seu segundo pai, estão lhe fornecendo uma gama de valores e símbolos para um arquétipo de ordem social responsável pela orientação moral e sustento material. As narrativas evidenciam que os sujeitos aceitam esta integração familiar, como até a reivindicam. Lula tem a linguagem e o espírito da casa e o orgulho de também pertencer a ela. A casa onde todos os sujeitos se identificam, onde “o trabalho ganha valor na fala dos trabalhadores” (DAVEL; VASCONCELOS, 1997, p. 104).

8) Categoria: Idiossincrasias

Nesta última categoria, são consideradas as experiências dos sujeitos que tiveram outro olhar em meio às transformações do mundo do trabalho. Este outro olhar é útil como um contraponto para que se possa perceber toda a dimensão e abrangência nos participantes diretos e indiretos do movimento, entre o privado e o público, entre a lógica da acumulação capitalista e a lógica da sobrevivência humana. Eis os relatos:

“Eu não posso falar mal da Volkswagen que hoje graças a Deus se eu tenho um salário pra mim sustentar o meu filho, né. E hoje eu encontro nessa, nessa, nessa, é assim como eu estou né separada. Se eu tenho um salário que dá pra sustentar meu filho, minha casa, eu agradeço muito a ela, com todos os problemas, a luta minha que eu passei”. “Não, mas duro é assim com aqui, sabe o que que é que eu acho duro, duro é você pegar peso, no sol, duro. Mas, isso não é duro pra mim”.

Quando se analisam as narrativas desta categoria, o primeiro aspecto que se sobressai são os paradoxos ideológicos dos sujeitos que participaram do movimento sindical e sofreram com as condições precárias de trabalho da época. No entanto, essas lembranças das cenas do passado não podem ser encaradas como um paradoxo, mas sim como “um jogo sinuoso, aparentemente sem vitória certa, no qual ora a ideologia dominante no grupo assimila as conquistas da observação direta, ora esta contradiz aquela, dominando-a por dentro e deixando à mostra sua parcialidade” (BOSI, 1994, p.462).

No entanto, o trabalho hoje adquiriu um sentido duplo de estranhamento ao trabalhador. Além de se ver estranho na fábrica, seu *lôcus* de ação, privado daquilo que o pode tornar mais humano, ele também se encontra como um estranho no ninho, em sua própria casa. Aquilo que poderia lhe dar sentido, razão de ser, viver e lutar, passa agora também a lhe impor certa fragmentação na existência.

Considerações finais

Não se pretende apresentar por ora uma conclusão de estudo, mas sim um despertar de consciência sobre as transformações no mundo do trabalho na região do Grande ABC nas décadas de 1970-1980-1990, e seu impacto na vida da “classe-que-vive-do-trabalho”. As narrativas desvendaram um mundo de fetiches e de reificações organizacionais, que atuam como objetos de fragmentação no mundo do trabalho, de poder disciplinador, causando grandes repercussões na subjetividade do indivíduo. No entanto, na análise da vida cotidiana dos sujeitos, o que mais chama atenção é a evidência da disputa dialética entre a alienação e desalienação do indivíduo, a partir do seu despontar na esfera pública, pelo movimento operário e, em seguida, seu recolhimento para o anonimato. Por meio dessa proposição, pode-se apontar que tal situação é uma consequência da nova fase do capitalismo mundial, marcado pela precarização das condições de trabalho que impõe uma materialidade adversa aos trabalhadores, em duplo sentido: primeiro, constringendo o sujeito a não permanecer na esfera pública; segundo, oprimindo o nascimento de uma subjetividade autêntica, uma subjetividade “para-si” (ANTUNES; ALVES, 2004). Os sujeitos que voltaram para o mundo das necessidades agora sonham com a liberdade mundanamente tangível, fazem planos e tentam, por meio da lembrança, a abertura de novas possibilidades, enfim, tentam reconstruir. A ruptura com a esfera pública e a volta para o anonimato, reveladas nas experiências, não devem ser entendidas como um momento de subserviência, mas de uma “não-subserviência”, como uma vivência recolhida na memória, que se coloca enquanto potência, como um riacho congelado merleau-pontiano, podendo ser rompido a qualquer momento.

Contudo, com a análise das narrativas presentes no documentário *Peões*, pode-se afirmar que

é verdadeira a proposição de que a divisão do trabalho capitalista vem transformando o mundo do trabalho, principalmente a “classe-que-vive-do-trabalho”, ao fragmentar sua subjetividade. Também se descobriu em *Peões* outra proposição, a partir das experiências dos sujeitos, uma linha tênue entre resistência e submissão. Ou seja, “sobre os limites entre a necessária resistência contra o destino e a não menos necessária submissão” (BONHOEFFER, 1980, p. 6-7). Resistência contra o destino de estarem relegados sempre fora da esfera da ação, contra aqueles que querem silenciar suas vozes pela colonização do mundo da vida. Resistência aos novos modos de controle organizacional, imprimindo no sujeito outra identidade que não é a sua. Se na fragmentação e na precarização do trabalho o sujeito antes encontrava coragem para a luta na esfera da ação, na fragmentação e na precarização ele encontra alento unicamente para sua sobrevivência. Assim, resistência e submissão se constituem como uma linha tênue para a “classe-que-vive-do-trabalho” em meio às transformações do mundo do trabalho. Entre resistir e se submeter, se ressalta também o desejo de não aceitar a fragmentação e a precarização imposta pelas transformações do mundo do trabalho. Mesmo diante das imposições do capital a favor da fragmentação, a “classe-que-vive-do-trabalho” se propõe também a se reintegrar, se refazer, se reconstruir nas novas ocupações profissionais e projetos de vida. Propõe-se a permanecer na esfera pública e na ação em prol de uma sociedade mais justa. Entre a resistência e a submissão, pela ótica do capital, se encontra o desencanto da colonização do mundo da vida pelo mundo do sistema. Contudo, entre a resistência e a submissão pelas narrativas da “classe-que-vive-do-trabalho”, pode-se encontrar o re-encanto pelo mundo da vida.

Referências

- ALVESSON, M.; KARREMAN, D. Taking the linguistic turn in organizational research: Challenges, responses, consequences. **Journal of Applied Behavioral Science**, 36: 134 – 156, 2000.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 10. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, mai./ago. 2004.
- ARANHA, C.S.G. Movimento fenomenológico: aproximação do fenômeno. In: BICUDO, M.A.V.; ESPÓSITO, V.H.C. **Joel Martins... um seminário avançado em fenomenologia**. São Paulo: EDUC, 1997, p. 147-160.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BONAZZI, G. Storia del pensiero organizzativo. **Collana di sociologia**. Milano, Italia: FrancoAgneli. 2000.
- BONHOEFFER, D. **Resistência e submissão**. Tradução Widerstand und Ergebung. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das

Letras, 1994.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: A degradação do trabalho no século XX**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CAIADO, A.S.C.; RIBEIRO, T.F.F.; AMORIN, R.L.C. Políticas neoliberais e reestruturação produtiva. In: POCHMANN, M. (org.) **Reestruturação produtiva: Perspectiva de desenvolvimento local com inclusão social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004, 63-146.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CONCEIÇÃO, J.J. **Quando o apito da fábrica silencia: Sindicatos, empresas e poder público diante do fechamento de indústrias e da eliminação de empregos na Região do Grande ABC**. São Bernardo do Campo-SP: MP Editora, 2008.

COVALESKI, M. The calculated and the avowed: Techniques of discipline and struggles over identity in Big Six public accounting firms. **Administrative Science Quarterly**, 43: 293-327, 1998.

COUTINHO, E. **Peões**. In: Blog Eduardo Coutinho. Disponível em: <<http://eduardocoutinho.blogspot.com/>> Acesso em 15 set. 2011.

DAVEL, S.C; VASCONCELOS, J. G. M. Gerência e autoridade nas empresas brasileiras: uma reflexão histórica e empírica sobre a dimensão paterna nas relações de trabalho. In: CALDAS, M.P; MOTTA, F.C.P. (orgs). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997, p. 94-110.

DAVEL, S.C; VERGARA, S.C; GADHIRI, D.P. Administração com arte: papel e impacto da arte no processo ensino-aprendizagem. In: _____. (org.). **Administração com arte**. São Paulo: Atlas, 2007.

ENRIQUEZ, E. Interioridade e organizações. In: DAVL, E.; VERGARA, S. C. (org.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2007, p.173-187.

EZZY, D.'Subjectivity and the Labour Process: Conceptualising 'Good Work', **Sociology**, vol.31,no.3:427-444, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUATTARI, E.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho: crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

HARDY, C.; CLEGG, S. Alguns ousam chama-lo de poder. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; HASSARD, J. An alternative to paradigm incommensurability in organization theory. In: HASSARD, J. & PYM, D. **The Theory and philosophy of organizations - critical issues and new perspectives**. London : Routledge, 1990.

HIRATA, H.; HUMPHREY, J. O emprego industrial feminino e a crise econômica brasileira. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 4, n. 4, p.89-107, out./dez. 1984.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

HUSSERL, E. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70, 1992.

IANNI, O. Variações sobre arte e ciência. Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: **Tempo Social: Revista de**

Sociologia USP, jun. 2004, p.7-23. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ts/v16n1/v16n1901.pdf> Acesso em: 15 set. 2011.

KREMER, A.; FARIA, J.H. Reestruturação produtiva e precarização do trabalho: o mundo do trabalho em transformação. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 266-279, jul./set. 2005.

KLUTH, V. S. A rede de significados: imanência e transcendência: a rede de significação. In: KNIGHTS, D.; McCABE, D. ' "Ain't Misbehavin"? Opportunities for Resistance under New Forms of "Quality" Management', **Sociology** 34(3):421-36, 1999.

LINS, C. O **documentário de Eduardo Coutinho: Televisão, cinema, e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LUKES, S. **Power: a radical view**. London: Macmillan, 1973.

MARTINS, J.; MACHADO, O.V.M. Introdução ao curso "seminários avançados em fenomenologia". In: BICUDO, M.A.V.; ESPÓSITO, V.H.C. **Joel Martins... um seminário avançado em fenomenologia**. São Paulo: EDUC, 1997, p.17-28.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, P. G. F.; MENDONÇA, J. R. C. O espaço físico e a formação das impressões nas organizações: integrando as dimensões instrumentalidade, estética e simbolismo sob a perspectiva dramatúrgica. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, 32, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

SUAREZ, M. C.; TOMEI, P. A. Longe de um final feliz? Uma análise das novas relações de trabalho a partir do filme *Em boa companhia*. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO [ENGPR], 1., 2007, Natal. **Anais...** Natal: ANPAD, 2007.

TOWNLEY, B. Foucault, power/knowledge, and its relevance for human resource management. **Academy of Management Review** 18: 518-45, 1993.

VERGARA, S. C.; CARVALHO, J. L. F. S.; GOMES, A. P. C. Z. Controle e coerção: A pedagogia do olhar na espacialidade do teatro e das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 10-19, jul./set. 2004.

WERNECK, A.; **Peões**. In: *Contra Campo*. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/64/peoes.htm>> Acesso em 15 set. 2009.

WILLMOTT, H. 'Bringing Agency (Back) into Organizational Analysis: Responding to the Crisis of (post) modernity', in Hassard, J. & Parker, M. (eds.) **Towards A New Theory of Organizations**, London: Routledge, 1994.

WOOD Jr. T. Terra em transe: liderança em Eldorado. In: CALDAS, M.P; MOTTA, F.C.P. (org). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1999, p.143-156.

WOOD Jr. T. Metáforas espetaculares: do dramatismo teatral ao dramatismo cinematográfico. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO ADMINISTRAÇÃO, 24, 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2000.

WOOD Jr. T. **Pedagogia crítica e o uso de filmes de longa metragem em sala de aula**. Relatório de Pesquisa. EASP - Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 09/2008. Disponível em: <<http://www.easp.fgvsp.br/interna.aspx?pagld...ID...>> Acesso em 29 jun. 2009.